

APRESENTAÇÃO

De cara nova: Olho d'água — volume 7, número 1, 2015

A partir deste número, a **Revista Olho d'água** contará com uma nova configuração gráfica: nova capa, nova composição da folha de rosto dos artigos, novo tipo de fonte para a composição do corpo de texto e para as notas de rodapé – mudanças que visam tornar mais atraente e agradável a leitura.

Este número é composto por nove artigos de temática variada, que se destacam – todos – pela abordagem cuidadosa dos objetos de estudo escolhidos pelos autores e por uma escrita sedutora. Passemos à sua apresentação:

Em “Hilda Hilst: ‘respirei teu mundo movediço’”, Ana Chiara analisa o conto “Lázaro” que integra *Fluxo-floema*, de Hilda Hilst, abordando-o como texto privilegiado para a apreensão da escrita hilstiana, que se marca complexamente pela parábola e pela alegoria. A impossibilidade de dizer o real, segundo Chiara, impõe à escrita hilstiana uma aproximação do evento narrado por meio de apropriações alegóricas. Decorre daí a apropriação profanadora do discurso religioso observável na obra da escritora, espécie de transgressão necessária à realização de uma investigação da incomensurabilidade da existência.

Em “Uma vez más, Manuel Bandeira — el ‘poeta menor’”, Ricardo Marques Macedo e Tiekō Yamaguchi Miyazaki analisam conhecidos poemas de Manuel Bandeira – “Poema tirado de uma notícia de jornal”; “Poema só para Jaime Ovalle”; “Maçã” e “O martelo” – elegendo-os por se constituírem em material usado em cursos destinados a estudantes estrangeiros, falantes de espanhol. Destaca-se, na leitura dos poemas, o empenho didático dos autores na condução da análise e da interpretação.

“Descartes: as aventuras do herói do conhecimento no *Discurso do método*”, de Edson Bariani, traz uma leitura original do famoso texto do filósofo francês, concebendo-o como texto que prenuncia o romance moderno e a aventura solitária do herói pelo mundo, livre dos constrangimentos da religião, da tradição, da autoridade e da comunidade. Esse herói cartesiano marca a trajetória de um “eu” como indivíduo e sujeito do conhecimento – coisa que, segundo o articulista, contrasta com o que se observa na atualidade, em que a literatura e as ciências humanas como que inverteram as posições de sujeito e método na exploração de seus objetos.

Em “Epistolografia e literatura modernista brasileira: insculpindo sentidos”, Manoel Veronez aborda a importância do estudo das cartas para uma maior e melhor compreensão da

teia de relações implicadas entre os protagonistas do Modernismo brasileiro, particularmente de suas primeira e segunda fases. Após uma abordagem do gênero carta e de sua história, Veronez se concentra na abordagem das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade entre 1924 e 1945 e, por fim, explora o diálogo didático que o autor de *Paulicéia desvairada* entretém com artistas que protagonizaram a revolução modernista nas letras e artes do Brasil.

“Entre el naturalismo y el modernismo: *Sin Rumbo*, uma obra de transición” é o artigo de Luciane Bernardi de Souza e Ana Teresa Cabañas Mayoral, no qual as autoras analisam o romance *Sin Rumbo*, do escritor argentino Eugenio Cambaceres, abordando-a como obra controversa que se situa entre o Naturalismo e o Modernismo hispanoamericanos.

Paulo Alexandre Pereira, em “*Theatrum mundi*: o império-minuto em dois romances portugueses contemporâneos”, analisa e interpreta *A noite das mulheres*, de Lídia Jorge, e *Ilusão (ou o que quiserem)*, de Luísa Costa Gomes, compreendendo-os, por efeito de metonímia, como variações em torno do *topos* do mundo como teatro. Em sua leitura, o autor demonstra que há nos dois romances uma desencantada e perspicaz apreensão dos tempos atuais, caracterizados como “líquido-modernos” por Zygmunt Bauman.

Em “A vida como ela é: *fait divers* rodriguiano”, Ellen Mariany da Silva Dias estuda cinco contos da famosa coluna “A vida como ela é”, do jornal Última hora, coligidos por Ruy Castro nos livros *A Coroa de orquídeas* e *O homem fiel e outros contos*. Todos os contos selecionados tratam do adultério praticado por mulher casada, caracterizando-se, em sua composição, por uma combinatória estrutural que, embora constituída de alguns mesmos elementos, produz distintos significados em cada texto. No plano dos efeitos, os contos aproximam-se em maior ou menor grau dos paradigmas do *fait divers*, tal como estudado por Roland Barthes.

Em “Na contramão das estéticas de vanguarda: *O perfume*: História de um assassino, de Patrick Süskind”, Karin Volobuef aborda o mais famoso romance do escritor alemão como uma narrativa híbrida de romance histórico, romance policial e histórias sobrenaturais. Observa, também, que *O perfume* opera com a intertextualidade, alinhando-se a romances que, a exemplo de *O nome da rosa*, de Umberto Eco, embaralha as fronteiras entre as chamadas alta literatura e literatura de massa, marcando-se pelo prazer de contar uma história.

Por fim, em “Narrar o animal”, Márcia Seabra Neves analisa as transformações ocorridas na representação do animal na literatura, particularmente das últimas décadas do século XX para o século XXI. Tomando como objeto de estudo o romance *Myra*, de Maria Velho da Costa, o conto “O porco de Erimano ou os perigos da especialização”, de A. M. Pires Cabral e o livro *animalescos*, de Gonçalo M. Tavares, a autora explora as novas formas de interação humano-animal que se dão via metamorfose, *devir-animal*, ou pela perscrutação e desvelamento do espírito animal no homem.

Agradecemos a todos os que contribuíram para a produção de mais este número da **Revista Olho d’água**, e desejamos uma leitura proveitosa dos textos aqui reunidos.

Arnaldo Franco Junior